

**Os despropósitos de um menino-poeta:  
Infância e poesia em Manoel de Barros e Mia Couto**

Moama Lorena de Lacerda Marques<sup>1</sup>

Com certeza, a liberdade e a poesia a gente  
aprende com as crianças.  
(Manoel de Barros)

**RESUMO:** Em nosso artigo, objetivamos analisar, comparativamente, o poema “O menino que carregava água na peneira”, de Manoel de Barros, e o conto “O menino que escrevia versos”, de Mia Couto, enfatizando neles a construção da relação entre poesia e infância. Para tanto, em termos de fundamentação teórica, nos pautaremos nos estudos de Walter Benjamin, Freud, Sônia Kramer, Philippe Ariès, Antonio Candido, T.S. Eliot, entre outros.

**ABSTRACT:** In this article we aim at doing a comparative analysis between the poem “O menino que carregava água na peneira” (The boy who carried water on a sieve), by Manoel de Barros, and the short story “O menino que escrevia versos” (The boy who used to write verses), by Mia Couto, highlighting the construction of the relation between poetry and childhood. To achieve this, concerning the theoretical background, we base our work on the studies by Walter Benjamin, Freud, Sônia Kramer, Philippe Ariès, Antonio Candido, T.S. Eliot, among others.

**PALAVRAS-CHAVE:** Infância; Poesia; Manoel de Barros; Mia Couto

**KEY-WORDS:** Childhood; Poetry; Manoel de Barros; Mia Couto

### **1. Manoel de Barros e Mia Couto: Exercícios de ser poeta**

Com o olhar voltado para o universo de Manoel de Barros e Mia Couto, nosso trabalho tem como objetivo analisar a relação entre poesia e infância que aparece em “O

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura e Cultura pelo Programa de pós-graduação em Letras da UFPB (PPGL); sua pesquisa está centrada nos contos do escritor moçambicano Mia Couto. É também professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do IFRN. email: moamalorena@hotmail.com

menino que carregava água na peneira”, do poeta brasileiro, e “O menino que escrevia versos”, do referido escritor moçambicano.

Manoel de Barros é um escritor que dispensa quaisquer apresentações. Certa vez, Carlos Drummond disse considerá-lo o maior poeta brasileiro. E, como muito bem indagou Bianca Albuquerque da Costa, em “Manoel de Barros: os “despropósitos” da poesia”, como não se surpreender com uma produção literária que nos instiga a embarcar numa leitura em que tudo aquilo que consideramos sem importância ganha status de poesia?” (COSTA, 2008, p.1), pois tudo que é considerado, pela sociedade capitalista, como de pouco valor, Manoel de Barros transforma em versos:

Ele elege para matéria de poesia a pobreza, os objetos e as coisas que não têm valor de troca (como latas e parafusos velhos, cisco, lagartixas e formigas), os homens desligados da produção (loucos e andarilhos), os homens humildes que, embora empobrecidos e iletrados, possuem grande sabedoria (SCOTTON, 2004, p.3).

Por fim, a estes homens, podemos acrescentar, como presença recorrente na obra do autor mato-grossense, a figura da criança, que se assemelha, em termos de concepção, com a ideia de criança que aparece em estudiosos como Walter Benjamin e Freud<sup>2</sup>, isto é, uma criança que, estando longe de ser ingênua e não ter voz, é vista como (re)criando o mundo a sua volta constantemente, sendo a infância considerada uma construção social e histórica<sup>3</sup> (SCOTTON, 2004).

Já em Mia Couto, um dos autores moçambicanos mais conhecidos e publicados no Brasil, a criança também é um personagem constante, muitas vezes aparecendo como aquele que congrega os sintomas da modernidade na cultura africana, em contraposição à tradição preservada pela presença dos personagens velhos.

Apesar de ter publicado apenas uma obra de poesia, *Raiz de Orvalho*, seu primeiro livro, suas narrativas são marcadas por uma espécie de prosa poética e, semelhante à escrita de Manoel de Barros, por uma grande inventividade lexical. Segundo Carmen Secco (2006, p.72), uma das características mais marcantes da prosa

---

<sup>2</sup> De Benjamin, iremos utilizar as suas reflexões sobre o brincar e os brinquedos, apresentadas em *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. Já Freud contribui para o nosso estudo com o texto “O criador literário e a fantasia” (uma conferência realizada em 1907), onde estabelece uma relação entre a fantasia presente nas brincadeiras infantis e a imaginação criadora do adulto poeta.

<sup>3</sup> Essa concepção sobre a infância tem no francês Philippe Áries o seu precursor. Em seus estudos, investiga a representação de criança entre os séculos XII e XVII, e defende a tese de que a ideia de infância como categoria social é uma invenção moderna, um conceito que foi sendo construído historicamente.

de Mia Couto é “a constante artesanaria verbal, a recriação de vocábulos e frases, o uso de neologismos, o humor pela subversão de sentidos habituais, o emprego de uma sintaxe especial, a técnica do desenredo”.

Terminadas as considerações iniciais em torno da obra de Manoel de Barros e da de Mia Couto e dos objetivos traçados para o nosso trabalho, deteremo-nos na análise dos textos selecionados: “O menino que carregava água na peneira”, do livro *Exercícios de ser criança* (1999), e “O menino que escrevia versos”, inserido na obra *O fio das missangas* (2009).

## **2. “O menino que carregava água na peneira”: os despropósitos de um menino-poeta**

O poema de Manoel de Barros apresenta uma relação muito próxima entre infância e poesia, além de conjugar, também, numa perspectiva mais ampla, uma concepção de escrita. Não apenas a criança, descrita em sua vocação poética, mas a própria mãe tem uma relação estreita com a referida atividade, já que, desde cedo, percebe no filho o germe da poesia. E até mesmo o eu lírico se mostra, logo no primeiro verso do poema, como escritor, autor de “um livro sobre águas e meninos”, tendo como preferência, entre suas criações, “um menino que carregava água na peneira” e que pode ser visto como uma espécie de alter-ego não só do eu lírico, mas do próprio autor, o Manoel de Barros, já que todos os três (criadores e criaturas) fazem poesia tendo a matéria-prima (re)colhida das coisas mais rotineiras e desimportantes, em especial dentro de uma sociedade capitalista, a exemplo dos elementos da natureza.

A primeira estrofe aponta o tema do livro escrito pelo eu lírico, que, não por acaso, tendo em vista a proximidade que relatamos no parágrafo anterior, é o do próprio poema de Manoel de Barros, e narra o motivo que levou a mãe a perceber a vocação poética do filho. Tal motivo é o fato de o menino gostar de carregar água na peneira, de brincar com o inviável, com o impossível, antecipando já a ideia que perpassa o texto, a de que só a escrita (a poesia) faz o impossível tornar-se possível, desloca os sentidos, já tão cristalizados, da percepção das coisas e pessoas; assim como as brincadeiras de infância, repletas de inventividade e fantasia, a poesia também se alimenta destas, dos chamados, no texto em estudo, “despropósitos”.

Interessante, ainda na primeira estrofe, são as comparações tecidas pela mãe em relação à brincadeira do filho de “carregar água na peneira”; comparações que, indo ao encontro da presença da natureza na obra de Manoel de Barros, são todas feitas com elementos desta e dizem respeito ao ato de criação poética. Vejamos:

A mãe disse que carregar água na peneira era o mesmo que  
roubar um vento  
e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.  
A mãe disse que era o mesmo que catar espinhos na água  
O mesmo que criar peixes no bolso.

Nessas brincadeiras apontadas pela mãe e presentes na realidade do filho, temos uma espécie de resgate do brincar feito pela criança com os materiais que ela encontra ao seu redor, na natureza, por exemplo; um brincar que parece distante da influência do capitalismo e da industrialização e que Benjamin (1984) retoma em seu estudo intitulado *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*, quando fala da época anterior à fabricação especializada de brinquedos, onde havia um trabalho artesanal na confecção destes, feitos a partir de restos de materiais diversos, abrindo espaço para a criatividade, a imaginação e, tendo como consequência, um “fazer história a partir do lixo da história” (BENJAMIN, 1984, p.14). No caso do eu lírico em questão e, em maior extensão, da proposta poética de Manoel de Barros, um “fazer poesia a partir do lixo da vida”.

Logo após, vemos surgir no poema o relato da descoberta das palavras pela criança. A partir de então, a fantasia e inventividade que o menino utilizava em suas brincadeiras passam a ser vivenciadas através da escrita, já que, por meio desta, ele descobre que pode ser os mais diferentes seres e viver diversas aventuras:

Com o tempo aquele menino que era cismado e esquisito  
porque gostava de carregar água na peneira  
Com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo  
que carregar água na peneira.  
No escrever o menino viu que era capaz de ser  
noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo.  
O menino aprendeu a usar as palavras.  
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.  
E começou a fazer peraltagens.

A relação entre poesia e infância - entre a escrita e o brincar - vai estar tão imbricada no poema que, nos últimos versos da referida estrofe, o eu lírico utiliza um vocabulário próprio à infância, ao ato de brincar, para caracterizar a escrita do menino, ou seja, uma escrita feita por meio de “**peraltagens** com as palavras”. Assim como Manoel de Barros faz poesia das coisas mais simples e, para muitos, desimportantes do cotidiano, o menino, cujas brincadeiras eram realizadas com elementos encontrados em seu ambiente, também passa a escrever a partir desses mesmos elementos. Para ele, escrever ainda é brincar e brincar, em sua inventividade e fantasia, não deixava de ser um exercício prévio de criação da escrita. Aqui, não podemos deixar de citar Freud através do seu texto “O criador literário e a fantasia”, onde afirma que a criança, ao brincar, se comporta como um poeta, pois cria um mundo particular, ou melhor, confere uma nova ordem ao seu próprio mundo. O poeta, segundo ele, realiza, justamente, a mesma atividade da criança: Investe em um universo de emoção e fantasia, sabendo distingui-lo bem da realidade (FREUD, 1974).

Na estrofe seguinte, a penúltima, temos descritos, ao mesmo tempo, o processo e o resultado das criações do pequeno poeta. Através dessas criações, ele dialoga com a natureza, interferindo nela, concedendo-lhe um maior encantamento e transformando em ser vivo o que antes era inanimado. Vejamos:

Foi capaz de interromper o vôo de um pássaro botando ponto final na frase.  
Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.  
O menino fazia prodígios.  
Até fez uma pedra dar flor!

É interessante observar que, até aqui, há uma espécie de gradação no poema que diz respeito às ações do menino e que revela o status que a escrita confere àquele que toma posse dela. No início, inserido em seu universo de brincadeiras, as ações do menino eram descritas como “despropósitos”; já ao descobrir a escrita, foi-se dito que o menino começou a fazer “peraltagens” com as palavras.

Bem, a primeira palavra, “despropósitos”, significa uma imprudência, um desatino, estando associada às esquisitas brincadeiras realizadas pelo menino, a exemplo de “carregar água na peneira”; embora também possa significar uma coisa descomunal em qualidade ou quantidade e já releve uma aproximação com a figura do poeta, à medida que este, através de sua escrita, de sua criatividade, também comete

“despropósitos” com as palavras a fim de retirá-las do lugar comum em que estão inseridas no uso cotidiano. É a chamada “eterna novidade da poesia” e se configura como a função social desta, que se cumpre pelo fato da poesia, pelo menos a boa poesia, “comunicar sempre uma nova experiência ou uma nova compreensão do familiar” (ELIOT, 1991, p.29); diversas vezes tornando consciente, por intermédio da linguagem, algo que nos acomete e que não conseguimos expressar em palavras e, desse modo, ensinando (o poeta) a si mesmo e a esse outro (o leitor) e enriquecendo a língua ao expressar “novas variantes da sensibilidade”. (ELIOT, 1991, p.29)

Já a palavra “peraltagens”, relacionada às travessuras de uma criança, ainda associada às brincadeiras infantis, ganha uma outra conotação no poema pelo fato de se referir à “brincadeira” que o menino passou a realizar com as palavras ao descobrir a escrita. Por fim, dos despropósitos e peraltagens a criança passa a fazer “prodígios” através da escrita. Lembrando que a palavra prodígio, além de significar pessoa de um talento extraordinário, significa também milagre, condizendo com as transformações que ele se torna capaz de operar na natureza, como a que citamos mais acima, ou seja, a de transformar uma pedra em flor. Dessa forma, o menino, que, no começo do poema, era considerado cismado e esquisito, acaba por ser caracterizado como uma criança prodígio.

Na última estrofe, vemos a mãe proferir um discurso de certeza em relação ao futuro poético do menino. Na verdade, o poema vai desde a percepção da vocação poética do filho por parte da mãe, passando pelo desenvolvimento dela, também com o incentivo materno, até um discurso de certeza, uma espécie de sentença que é, ao mesmo tempo, um desejo de mãe e uma predestinação:

A mãe reparava o menino com ternura.  
A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta.  
Você vai carregar água na peneira a vida toda.  
Você vai encher os vazios com as suas peraltagens  
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos.

### **3. “O menino que escrevia versos”: os (des)apontamentos de um menino-poeta**

Assim como o poema de Manoel de Barros, o conto de Mia Couto também aborda a relação entre poesia e infância. Inserido na obra *O fio das missangas*, “O menino que escrevia versos” narra a estória de uma criança que, já tomada pela dor da

vida e, ao mesmo tempo, buscando a saída no sonho, é surpreendida pela mãe sempre fazendo poemas. No entanto, ao contrário de “O menino que carregava água na peneira”, no conto de Mia Couto tal fato não é recebido com alegria pela família, mas com preocupação, já que o pai, um homem simples, conhecedor apenas da mecânica dos carros e não afeito a carinhos, “nunca espreitara uma página” (COUTO, 2009, p.131) e exigira à mãe que o filho fosse examinado por um médico.

Se em Manoel de Barros o poema é encerrado com o desejo/anúncio da mãe do futuro poético do filho, em Mia Couto o conto é iniciado com uma sentença condenatória dita pela mãe ao médico para quem levava o menino: “- Ele escreve versos! Apontou o filho, como se entregasse criminoso na esquadra” (COUTO, p.131). Dessa forma, já podemos observar a concepção de poesia, e de escrita de uma forma mais geral, como um ato indesejado, uma espécie de mal, de doença, que desvia a pessoa acometida dos deveres cotidianos. Tanto que os termos pelos quais os pais e o médico fazem referência ao menino se igualam àqueles utilizados para qualquer doente ou mesmo um criminoso.

No entanto, é importante observar que essa é a concepção apenas dos pais e, em princípio, a do médico, pois, para o menino, fazer versos se configurava como uma fuga das dores da vida, como entrada no universo do sonho. Em resposta à pergunta feita pelo médico sobre se algo lhe doía, o menino confessa: “- Dói-me a vida, doutor” (COUTO, p. 132). Logo depois, ele relata que, para escapar a essas tais dores, faz o que melhor sabe: sonhar.

É perceptível a forte aproximação, no conto, entre escrita, sonho e vida, a ponto de o menino afirmar para o médico, em certo momento, que o que está a fazer não é escrever, mas viver: “Isto que faço não é escrever, doutor. Estou, sim, a viver. Tenho este pedaço de vida - disse, apontando um novo caderninho - quase a meio” (COUTO, p. 133). Em outras palavras, o que podemos observar no conto em questão é uma estreita relação entre escrita e experiência. Nas palavras de Sônia Kramer<sup>4</sup>:

---

<sup>4</sup> Sônia Kramer elabora as suas considerações a partir dos conceitos de vivência e experiência formulados por Benjamin (1985). Tendo como base a oposição criada por Freud entre consciência e memória, o referido pesquisador alemão opõe a vivência à experiência. Segundo ele, a vivência é formada por sensações, impressões que se fazem conscientes, mas não se incorporam à memória, não produzem narrativa nem transmissão; a vivência seria, portanto, finita. Já na experiência, o vivido é contado, transmitido, tornando-se coletivo, infinito. E, ainda segundo Benjamin, é justamente essa capacidade de narrar, de transmitir que a vida moderna tem impossibilitado ao homem, dificultando a constituição da experiência.

Na experiência, a ação é contada a um outro, compartilhada, tornando-se infinita. Esse caráter histórico, de permanência, de ir além do tempo vivido, tornando-se coletiva, constitui a experiência [...]. Quando penso na escrita como experiência, refiro-me a situações nas quais o vivido assume uma dimensão para além do finito, contando-se no texto. O que faz de uma escrita uma experiência é o fato de que tanto quem escreve quanto quem lê se enraízam numa corrente, constituindo-se com ela, aprendendo com o ato mesmo de escrever ou com a escrita do outro, formando-se. (KRAMER, 2000, p. 22-24)

E é essa espécie de enraizamento e aprendizagem com a escrita de si (para quem escreve) e a escrita do outro (para aquele que lê) que nós vamos encontrar em “O menino que fazia versos”. É a partir do relato do menino sobre a sua relação com a poesia e da proximidade que se firma entre ele, ou melhor, seus versos e o médico, que podemos verificar o poder atribuído, na narrativa, à escrita. Se, por um lado, sob a ótica da simplicidade e da parca escolaridade dos pais, a escrita é vista como um mal, por este que estamos a apontar ela não apenas é um exercício estético e de vida para o autor, mas também para um leitor mais atento, como o médico, pois acontece a este de, ao ler os cadernos escritos pelo menino à procura de algo que evidenciasse um sintoma, uma doença, é totalmente envolvido pelo poder encantador dos versos ali transpostos. Ele é tomado por aquela eterna novidade, comentada anteriormente, que a poesia é capaz de comunicar tanto ao poeta quanto a seu leitor (ELIOT, 1991).

A poesia do menino recai com uma força tão grande sobre a vida do médico que este, alegando à mãe que o caso era mais grave do que o imaginado, convence-a da necessidade de internação do filho e a faz, assumindo todas as despesas, no próprio consultório médico, para desfrutar de perto e cotidianamente da inventividade poética do menino. Leiamos o final do conto:

Hoje quem visita o consultório raramente encontra o médico. Manhãs e tardes ele se senta num recanto do quarto onde está internado o menino. Quem passa pode escutar a voz pausada do filho do mecânico que vai lendo, verso a verso, o seu próprio coração. E o médico, abreviando silêncios: - Não pare, meu filho. Continue lendo...(COUTO, p.134).

Neste último parágrafo, é reafirmada a forte relação entre escrita e vida; o que o menino lê, em seus versos, é, na verdade, o seu coração. A escrita é uma espécie de

amparo para a vida; essa vida que, para o menino, desde cedo, pulsa, dói. Podemos afirmar, ainda, que foi pela via da “função humanizadora” da literatura que se deu a aproximação entre o menino e médico. A literatura, aqui, seria humanizadora naqueles termos defendidos por Candido (1995), isto é, possibilitar o encontro com uma espécie de fabulação essencial a toda e qualquer pessoa, muitas vezes um confronto consigo mesmo e com o outro, à medida que a Literatura é essa experiência humana, esse evento transformado em (pela) linguagem (BOSI, 1998).

#### **4. Um artigo sobre crianças e poesia: considerações finais**

A partir da análise empreendida, pudemos perceber que a relação entre infância e poesia, nos dois textos, se dá sob a esfera da inventividade, do sonho, da fantasia. No entanto, no poema de Manoel de Barros, a vocação poética do menino é recebida com celebração pelo universo adulto, já no de Mia Couto, é motivo de reprimenda e preocupação. Até mesmo porque as duas crianças apresentam atitudes diferenciadas em relação à poesia e à própria vida. Se em Manoel de Barros o pequeno poeta, antes considerado cismado e esquisito, encontra na poesia uma espécie de extensão das brincadeiras de infância, uma brincadeira com as palavras, através da qual o mundo ao redor é constantemente renovado, o de Mia Couto, precocemente imerso nas dores da vida, vê no sonho, na poesia, uma tentativa de fuga dessa realidade, e, ao mesmo tempo, uma espécie de tradução dela, já que escreve o que sente, o que vive.

A fim de encerrarmos o nosso estudo, citaremos uma observação de Carmem Secco que, feita sobre outro conto de Mia Couto o qual também aborda a relação entre poesia e infância, “O viajante clandestino”, dialoga muito, também, com os textos analisados. Vejamos:

Associando o olhar da criança ao do poeta, afirma que ambos são seres em estado de poesia, capazes de fantasia, reinventando o mundo e a linguagem. Criam neologismos e outras maneiras originais de pensar o mundo, recuperando, desse modo, o brilho das palavras que se encontravam desgastadas pelo dizer comum. (SECCO, 2006, p.79)

**Referências Bibliográficas:**

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BARROS, Manoel de. *Exercícios de ser criança*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.
- BENJAMIM, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. nº.50. São Paulo: Ática, 1985.
- BOSI, Alfredo. A interpretação da obra literária. In: \_\_\_\_\_ *Céu & Inferno*. São Paulo: Ática, 1998.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_ *Vários Escritos*. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- COSTA, Bianca Albuquerque. Manoel de Barros: Os “despropósitos” da poesia. In: *Anais do XII Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Rio de Janeiro: 2008.
- COUTO, Mia Couto. “O menino que fazia versos”. In: \_\_\_\_\_ *O fio das missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ELIOT, T.S. A função social da poesia. In: \_\_\_\_\_ *De poesia e de poetas*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- FREUD, Sigmund. *Escritores Criativos e Devaneios*. Rio de Janeiro, Imago, 1974. Vol. IX.
- KRAMER, Sônia. Leitura e escrita como experiência. *Presença Pedagógica*, Brasil, v. 6, n. 31, jan/fev. 2000.
- SCOTTON, Maria Tereza. A representação da criança na poesia de Manoel de Barros. In: *27ª. Reunião Anual da ANPEd*. Manaus: 2004.
- SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro. Mia Couto: o outro lado das palavras e dos sonhos. In.: *Via Atlântica*, São Paulo: 9: 71-94, jun. 2006.